

CMP 2.1.6. (6A)

Caminhos imperiais de grandeza e miséria

A visita não decepciona. Não há exagero na descrição das belezas naturais. Ali está inexplorado um presente de Deus à indústria dos fins de semana. Pode mesmo parafrasear-se o samba: Se não foi, vá. Não regressará arrependido, pois quem fôr verá coisas belas e mal conhecidas. O adjetivo belo está adjudicado à toponímia local com uma insistência que suscita uma revisão. A descida da serra constitui uma visão de cinemascópio. Em cada curva há uma surpresa e uma exclamação de espanto. Por isso foi considerada a estrada turística mais bela do Brasil. Ponto de vista, evidentemente, pois depende da cultura, da sensibilidade, do estado emocional e, sobretudo, da presença do sol. Se chove, a alguém que está com pressa que encanto pode proporcionar a estrada, quando as curvas deixam de ser panoramas abertos e se transformam em perigos temidos? Com neblia-

Ubatuba, cidade que se tornou símbolo de um esplendor que se apagou — Riqueza que ficou expressa em imensos prédios de difícil conservação — A praia onde ressoam ainda as sandalias de Anchieta

BARROS FERREIRA

temen" da Bíblia os austeros patriarcas do Velho Testamento e gente bem os bravos barões de "Os Lusíadas"...

O LITORAL NORTE — O panorama que se depara ao visitante é cheio de contrastes. Não se limita à "feerie" fascinante, àquela festa panorâmica para os olhos. Ali está esparsa uma grande lição. Há restos de um passado opulento, à vista, como ossadas insepultas. E há muita gente dispersa por localidades de difícil acesso, onde só chegam lanchas benemeritas a longos espaços, graças à abnegação de um

necer em tal segregação tal gente. Talvez pela mesma razão por que persistem a pimenteira e o cravo da Índia para ali transportados em tempo antigo como tentativas de cultura rendosa e depois abandonados e esquecidos. E agora passaram a ser especiarias aclima das que proporcionam alto rendimento a quem as pratica, porque é difícil o seu recebimento do extremo Oriente.

UBATUBA — O ponto extremo da estrada Ubatuba e esta cidade apresenta-se como um mundo de evocações altivas. Ainda conserva a aparência imperial.

mo o maior porto do Estado, tinha dezessete embarcações próprias para ligação regular com Santos e Rio de Janeiro. E por uma estrada revestida de lajes, desciam constantemente tropas de burros e carros de bois transportando carga para os navios ancorados na sua segura e ampla enseada, onde chegavam de terras distantes. Fazendas de cana-de-açúcar e de café assinalavam a fertilidade do solo limitrofe. A expansão da cultura cafeeira exigia braços. A África estava do outro lado do Atlântico. E dali vieram mais de setenta mil escravos que entraram clandestinamente.

O seu porto movimentado fomentava a riqueza. A cidade tornou-se entreposto marítimo de singular importância. Soberbos sobrados eram erguidos, expressando o esplendor de seus donos. Aumentava a população, ricos ficavam mais ricos, pobres enriqueciam. Estava em plena ascensão, quando aconteceu o imprevisto. Uma estrada de ferro foi projetada no vale do Paraíba, ligando S. Paulo ao Rio de Janeiro. E quando a técnica paralelamente a velocidade entre as duas capitais desapareceu a carga que descia da serra. Desertou para o porto do Rio de Janeiro. Pouco depois, a S. Paulo Railway ligava S. Paulo ao Atlântico em pouco mais de quatro anos. Admire-se a presteza da obra quando a Sorocabana, com toda a aparelhagem moderna, ainda não concluiu a ligação da Lapa a Santos, por aderência direta, e nela luta há um decênio...

Pensaram ainda num ramal ferroviário, que começou a ser construído, para ligar Ubatuba a Taubaté. Mas a revolução de Custódio de Melo suscitou suspeitas de que a nova estrada de ferro se destinava a transporte de armas para os monarquistas. A República incipiente via o centro em todas as coisas. Embarços governamentais foram criados às obras, já em adiantada fase para a ligação ferroviária com o planalto e custeadas pela Companhia Norte de S. Paulo. Ainda hoje se vêem os grandes cortes e os extensos aterros destinados aos trilhos. Não tardaram, porém, a minguar os recursos. Entrou o esmorecimento, a que se seguiu o exodo. O desânimo cresceu, alastrou à medida que se tornavam cada vez mais raros os navios surtos no porto. E tudo aquilo acontecera repentinamente. Os que ficaram acabaram resignando-se. Passaram a recordar o esplendor passado, testemunhado pelos edifícios que pareciam, agora, grandes demais para a cidade que diminuía. E acabou ficando cada vez mais esquecida, até que, um dia, um automóvel desceu pela antiga estrada de lajes e Ubatuba foi encontrada e descrita com entusiasmo. Falaram da conveniência de um porto, da necessidade de uma rodovia. Voltou a figurar no mapa econômico, fornecendo óleo de cação, considerado mais rico em vitamina D que o óleo de fígado de bacalhau. Chegou, por fim, até a febre dos loteamentos. Mas a lição do passado deve servir para procurar a estabilidade econômica em bases permanentes e não se iludir pela especulação de colheitas transitórias.

VELHA LENDA

É terra de muita tradição, pisada pelas sandalias de Anchieta adolescente. E recordando a sua passagem é contada a lenda da serpente Sununga, pequena praia ao sul. Todos os anos arrastava moça bonita para a sua toca, a fim de a devorar. E ninguém se atrevia a enfrentar o monstro. Mas Anchieta soube da sua existência, dirigiu-se para a toca da serpente sem receio e quando ela deitou a cabeça fora da gruta, invocou o santo nome de Deus. O mar abriu-se então ao meio, deixando enxuto um caminho por onde a serpente seguiu, até desaparecer. Logo as ondas voltaram com violência e nunca mais foi visto o monstro da Sununga. Mas alguém entrar na toca agora vazia tem que se manter em silêncio. Se emite qualquer som, começa a pingar água como se fosse chuva e o mar torna-se bravo e investe pela abertura. Porque o monstro ainda está vo, anda por perto e só não volta devido à excomunhão de Anchieta que permanece vigilante. Assim dizem. E quem duvidar que experimente.



Exemplo venerando de uma propriedade do passado. Esse velho sobrado de Ubatuba vale por uma crônica

na e pressa não podem sobressair encantos no fundo dos abismos. Muitos dirão: é semelhante à paisagem do Cubatão. Há, no entanto, uma diferença fundamental, um contraste indiscutível e dominador. No alto da serra, de Paranapiacaba, o mar aparece distante, além de vinte quilômetros da monotonia plana dos bananais da baixada. Na estrada denominada de S. Sebastião o planalto termina bruscamente, como varanda sobre o mar, que aparece, de subito, aos pés, numa belíssima visão panorâmica, formada pela enseada de Caraguatatuba, encastada num recuo da serra. Embaixo, abre-se uma praia de mar estatico, sem vento e sem ondas fortes, tendo a fech-la, ao fundo, a formosura verde de Ilha Bela. A povoação antiga esparrama-se pela areia, com ares de estância moderna a esperar no austero aspecto da cidadezinha antiga, tão velha que um dia, no século XVIII, um governador, ali de passagem ouviu de velho morador: — Isto aqui, senhor, foi vila que desertou. Era assim, então, Caraguatatuba. A descida é rápida. O automóvel parece ascensor de pneumáticos, sem cabos, por aderência direta... Chega logo ao fundo. Depois a estrada bifurca-se. Um trecho vai para S. Sebastião que, em meados do século passado, era município de renda maior do que Santos. Outro trecho, mais extenso corcoveia e serpeia em direção a Ubatuba, com trechos belíssimos mas perigosos que aguardam acabamento. A improvisação transitoria demorou demais, com risco de se tornar definitiva. Mas é nesse trecho que se sucedem visões mágicas, de águas marítimas e cristalinas, de um verde tenue como uma campina líquida, a que se sucede uma pequena enseada tão azul e transparente que lembra uma safira que o vento arripia. Mais além, as águas têm breves ondulações que o sol aflora transformando em cardumes de luz. É um cenário de magia capaz de estarrecer suaves crônicas de acontecimentos sociais que chamam elegantemente "gen-

grupo generoso que considera essas criaturas irmãs em Deus e lhes providencia recursos e orientação. A falta de leite pela impossibilidade de manter gado bovino tem sido suprida por meio de cabras que facilmente se mantém e não exigem cuidados. Uma vez, o governo prometeu umas dezenas desses rústicos ruminantes para serem distribuídos pela deligente organização assistencial. Mas não passou da promessa. Não rendia votos. E além disso, trata-se de gente tão segregada que nem é conhecida dos coletores de impostos. Seria o estado ideal, edenico, exemplar se não fôssem as molestias, a ignorância, uma espécie de regresso cultural, determinado pelo isolamento excessivo.

A estrada melhorou a situação, á quem de Ubatuba, mas continua a segregação em pontos extremos e insulares, onde apenas chegam essas lanchas com finalidades benemerentes em dias pré-determinados e se não acontece de haver mar grosso. E surge então a pergunta incomoda de como chegou e teima em perma-

Foi terra por onde a prosperidade passou em sucessivas vagas de carga e escravos. Surgiu em 1632 em chão que era da sesmaria dos condes de Vimieiros. Teve como primeiros moradores Gonçalo Correia de Sá, Martim de Sá, Belchior Cerqueira e suas famílias e chamou-se compridamente vila da Exaltação da Santa Cruz do Salvador de Ubatuba. Na sua praia de Iperoig, Anchieta escreveu suave poema em louvor à Virgem. E quando uma estrofe estava pronta e já decorada, uma onda subia e apagava com a espuma alva os versos gravadas na areia para o monge poeta prosseguir. E enquanto louvava a Mãe dos Homens amadurecia a paz entre portugueses e Tamolos, permitindo o florescimento de S. Vicente e Pirapitinga ameaçadas de destruição iminente. Os versos apagados pelo mar ficaram para sempre.

Depois a vila cresceu. Tornou-se cidade e nos meados do século passado foi o escoadouro do sul de Minas e do vale do Paraíba, onde reinava o café. Ubatuba destacara-se, então, co-

EXPLORAÇÃO DO LITORAL SUL

A zona chamada do litoral sul de ouro de Morro Velho, todo o São Paulo, á qual se pode acrescentar o metal descoberto no Brasil por o vale do Ribeira, é uma das regiões privilegiadas que, por transportes, continuam isoladas. E quando se vê o desenvolvimento econômico e planalto, chega-se, num tico, a dar graças á Ser impedió por tanto tempo ções e reservou, á da Capital paulista, adequado á aventura ploração.

Até recentemente penetrar no litoral proprio litoral pela esguia montanhas caminhas sendo dulos to de

de ouro de Morro Velho, todo o São Paulo, á qual se pode acrescentar o metal descoberto no Brasil por o vale do Ribeira, é uma das regiões privilegiadas que, por transportes, continuam isoladas. E quando se vê o desenvolvimento econômico e planalto, chega-se, num tico, a dar graças á Ser impedió por tanto tempo ções e reservou, á da Capital paulista, adequado á aventura ploração.

Até recentemente penetrar no litoral proprio litoral pela esguia montanhas caminhas sendo dulos to de

de ouro de Morro Velho, todo o São Paulo, á qual se pode acrescentar o metal descoberto no Brasil por o vale do Ribeira, é uma das regiões privilegiadas que, por transportes, continuam isoladas. E quando se vê o desenvolvimento econômico e planalto, chega-se, num tico, a dar graças á Ser impedió por tanto tempo ções e reservou, á da Capital paulista, adequado á aventura ploração.

Até recentemente penetrar no litoral proprio litoral pela esguia montanhas caminhas sendo dulos to de